

ANTONIO JOSÉ BARBOSA: o nobre militar que se tornou pioneiro do Espiritismo nas Terras Amazônicas

Lenara Barros Muniz de Paula Nunes⁴

“Mas ficai certos de que os vossos antepassados não se honram com o culto que lhes tributais por orgulho. Em vós não se refletem os méritos de que eles gozem, senão na medida dos esforços que empregais por seguir os bons exemplos que vos deram. Somente nestas condições lhes é grata e até mesmo útil a lembrança que deles guardais” (L.E. Q. 206)

1- INTRODUÇÃO

Quando se entra em contato com a história do Movimento Espírita Amazonense, constata-se com muita frequência referências ao Major Antonio José Barbosa. O mesmo foi sócio fundador da Sociedade de Propaganda Spirita, fundada em 24 de Dezembro de 1901 (SOCIEDADE, 1901); esteve presente coordenando a primeira reunião intitulada “reunião preparatória” para a criação da Federação Espírita Amazonense (FEA) (FEDERAÇÃO, 1904); e é quem está envolvido no relato mais antigo que se tem notícias sobre fenômenos espíritas no Amazonas, um episódio sobre fenômenos de efeitos físicos ocorridos na sua casa, no ano de 1882, na então freguesia de Moura, atual cidade de Barcelos/AM (REFORMADOR, 1882).

Sendo assim, buscar conhecer a vida deste nobre pioneiro, bem como a sua atuação no Movimento Espírita, torna-se relevante para caminhar na reconstrução da história do espiritismo amazonense, e ainda é um gratificante impulso motivador para a manutenção de condutas pautadas no bem, junto à busca pelo aprimoramento moral e ao Movimento Espírita nestas abençoadas Terras.

O método utilizado foi o da pesquisa documental e bibliográfica efetivadas em fontes primárias de informação. Para tanto, foram pesquisados jornais disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira, consultas em Bibliotecas Públicas do Estado; análise do primeiro Livro de Atas da Federação Espírita Amazonense e dos Jornais espíritas “Mensageiro” e “O Guia”. Ao longo da pesquisa, houve a feliz localização de uma trineta do pesquisado, chamada Wania de Castro Baena, residente no Estado do Rio de Janeiro, com quem foram realizadas inúmeras entrevistas e consultas informativas, posto que a mesma já havia reunido algum material biográfico em função de estar há alguns anos trabalhando na construção da árvore genealógica da sua família.

2-DESENVOLVIMENTO

Antonio José Barbosa nasceu em 13 de junho 1843, na Província que hoje é o Estado de Alagoas. Foi registrado como Antonio José Barbosa de Araújo Pereira e batizado em 14 de junho, na Catedral Nossa Senhora dos Prazeres (BAENA, 2017), crescendo em ambiente católico (ANAES, 1983). Seus pais eram José Barboza de Araújo Pereira e Joana Rita Barboza de Araújo. (BAENA, 2017).

⁴ Trabalhadora da Diretoria de Infância e Juventude da Fundação Allan Kardec

Chegou ao Amazonas no ano de 1879, quando transferido pelo exército, e recolheu-se ao destacamento de Moura como 2º tenente (PASTA). Desencarnou em Manaus, em Maio de 1916, tendo sido sepultado no Cemitério de São João Batista (NO CEMITÉRIO, 1916).

2.1 SUA FAMÍLIA

Seu pai era um respeitado Major da Guarda Nacional em Maceió, mestre capela, professor de piano e compositor. Figurou junto a oito participantes do concurso de músicas para a letra do Hino de Alagoas, em 1.º de abril de 1894. Foi membro da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Martírios, onde ocupou o cargo de “Mordomo” (BAENA, 2017).

Antônio José Barbosa era casado com Gervásia Dias Barbosa, que fazia aniversário no dia 10 de julho (BAENA, 2017; O SR. MAJOR, 1904) e pai de:

- **Pedro de Alcântara Dias Barbosa** (BAENA, 2017), Professor e militar, casou-se com Victoria Barbosa de Oliveira, tendo como filhos: Nila de Oliveira Barbosa, nascida em 1892 (BAENA, 2017; RELATORIO, 1901); Theonila de Oliveira Barbosa, nascida em 1894 (BAENA, 2017; RELATORIO, 1901); Hilda de Oliveira Barbosa, nascida em 1896 (RELATORIO, 1901; A MANAOS, 1912); Eglantina de Oliveira Barbosa (DO VAPOR 1902); Demosthenes de Oliveira Barbosa (DO VAPOR, 1902) e Closette de Oliveira Barbosa.(A MANAOS, 1912). Desencarnou em 18 de novembro de 1902, vítima de beribéri, na povoação de Carvoeiro, onde exercia o magistério (PELOS, 1902). Em 1912 quando o primogênito de Antonio José Barbosa já estava desencarnado, sua viúva residia na então “Av. Ayrão, n.º 21, Bairro do Mocó”, atualmente Av. Waldemar Pedrosa (A MANAOS, 1912). Theonila de Oliveira Barbosa tornou-se pianista (ESPONSAES,1911) e fez apresentações em festas da sociedade (BAENA, 2017). Contraiu matrimônio, no palácio da justiça, com o oficial da marinha mercante, o Sr. Cyrillo Mendes da Silva, em 11 de maio de 1912 (ESPONSAES, 1912). Tiveram uma filha: Zoraide Barbosa da Silva (BAENA,2017).
- **Laura Dias Barbosa** (BAENA, 2017) Casou-se em Manaus com o funcionário público maranhense, Antônio Pires de Oliveira, passando a se chamar Laura Barbosa de Oliveira. Tornaram-se pais de: Erotides Barbosa de Oliveira (CASAMENTO,1912); Otaviano Barbosa de Oliveira; Tábita Barbosa de Oliveira e Doralice Barbosa de Oliveira (BAENA, 2017).
Dois anos após o nascimento da caçula Doralice, Antônio Pires de Oliveira veio a óbito, vítima de impaludismo. Foi sepultado no Cemitério São João Baptista, em 10 de abril de 1910 (BAENA, 2017). Mais tarde, Laura conheceu o alferes reformado da Guarda Nacional, Aureliano Costa e se uniu a ele. Vivenciando dificuldades existentes em Manaus, migraram para o Rio de Janeiro, no bairro de Jacarepaguá. Laura levou três de seus filhos, deixando Doralice, a caçula, aos cuidados da tia Angelina e de Octaviano Barbosa de Araújo Pereira (irmão do Major que trabalhava na alfândega e que passou a cuidar das sobrinhas) (BAENA, 2017), e que também aparece como Sócio da Assistência aos

Necessitados da FEA em 1915 (FEDERAÇÃO, 1915a). Doralice teve a mesma educação que a tia e a mãe tiveram: aulas de piano, idas ao Teatro Amazonas, escola, gosto pela leitura, costura, bordados, etc. (BAENA, 2017). Já adulta, sabendo das dificuldades financeiras da mãe e das irmãs no Rio de Janeiro, decidiu migrar também e se juntar à família. Casou-se com Orlando da Rocha Castro, funcionário público e teve seis filhos: Waldemar da Rocha Castro; Therezinha Barbosa de Castro (desencarnados); Carlese Barbosa de Castro (mãe de Wania Castro Baena, colaboradora deste Artigo); Orlando da Rocha Castro; Luiz Barbosa de Castro e Iára Barbosa de Castro (BAENA, 2017).

- **Angelina Dias Barbosa** Fazia aniversário no dia 10 de junho (BAENA, 2017; A RESIDENCIA, 1906, FAZEM, 1906a). Foi secretária da Liga Protetora da Pobreza, na administração do ano de 1911 (CONVITE, 1911)
- **Antônio José Barbosa Filho** (BAENA, 2017) Nascido em 1890 (RELATÓRIO, 1901), estudou na Escola Mixta, localizada à Praça General Osório (MATRICULA, 1902), foi Militar da Marinha Mercante Nacional (BAENA, 2017), e desencarnou aos 21 anos por suicídio. (DESVAIRADO, 1911).
- **Galante Barbosa** (A MENINA, 1907). Aniversariava no dia 10 de novembro após o casamento passou a chamar-se **Galante Barbosa Salles de Aguiar** (ANNIVERSARIOS, 1917; 1924).

Amante da música e das artes, herdados de seu pai, exigia que as suas filhas estudassem piano e era comum frequentarem o Teatro Amazonas (BAENA, 2017). As filhas eram atuantes com o assistencialismo promovido pela “Liga Protetora da Pobreza”, tendo sido Angelina 2ª secretária desta Liga. Lá arrecadavam donativos e distribuíam em datas de feriados santos. Nas manhãs de 25 de dezembro, às 7 horas, no Conservatório de Música, situado à Praça dos Remédios, eram feitas as distribuições (BAENA, 2017; LIGA, 1913). No ano letivo de 1901, seus filhos menores e as filhas de seu primogênito Pedro de Alcântara Dias Barbosa eram alunos da “Escola Pública Mixta”, situada à Praça General Osório (RELATÓRIO, 1901).

Pelas pesquisas realizadas, descobriu-se que a família possuiu três endereços residenciais em Manaus, sendo o primeiro a Rua São Vicente (ANTONIO, 1881); e o segundo na Estrada Dr. Moreira, nº 210 (DESVAIRADO, 1911) e posteriormente na Avenida Ayrão, n. 210, no então Bairro do Mocó, atualmente Av. Waldemar Pedrosa (A MANAOS, 1912).

2.2- SUA HISTÓRIA NO EXÉRCITO BRASILEIRO

Em 22 de fevereiro de 1864, foi assentado praça e jurou bandeira. Ficou agregado no ensino de recruta. Passou a recruta no dia 20 de junho do mesmo ano e no ano seguinte, 1865, no dia 14 de junho, passou a pertencer à companhia de alunos, por ter sido matriculado na escola preparatória, por ocasião do embarque em “Castanhão”, em 4 de junho, quando ficou em diligência no Ceará. Foi declarado aprovado no exame prático da arma de

infantaria, em 17 de setembro de 1867, nos termos do decreto aprovado a 31 de março de 1851 (PASTA).

Em 1868, participou da Guerra do Paraguai e tornou-se ajudante do general nº 858. Marchou como o guia, com o Batalhão Humaitá, no dia 6 de julho do mesmo ano, e em janeiro de 1869, já com a patente de 1º sargento, marchou três dias e acampou em São Lourenço, no Paraguai. No 4º dia, acampou na Capital Assunção, até o 5º dia. Passou para o 8º batalhão de infantaria no dia 6 de janeiro, do mesmo ano, onde efetivou-se em 25 de fevereiro. Em 04 de Agosto, do mesmo ano, destacou-se para a Fortaleza de Santa Cruz, já em Niterói, no Estado do Rio de Janeiro (PASTA), o que sugere o encerramento da sua participação na Guerra.

No ano de 1870 foi transferido para o 2º Regimento Provisório de Artilharia a Cavalo, como 2º tenente em comissão do 1º Batalhão de Artilharia a Pé. Já no ano de 1871, serviu em Fortaleza de Santa Cruz, passando ao posto de Tenente, por meio do decreto de 27 de setembro daquele ano, nos termos do artigo 3º. da Lei 1843, de 6 de junho de 1870 (PASTA).

Em 1878, passou a se chamar ANTÔNIO JOSÉ BARBOZA, e em 1879 recolheu-se ao destacamento do Moura, como 2º Tenente (PASTA).

No dia 12 de setembro de 1895, foi-lhe passada a patente de capitão honorário do exército, pelo Decreto de seis de novembro de 1894, em decorrência dos serviços prestados à nação brasileira, por ocasião da Guerra do Paraguai; e em 12 de dezembro do mesmo ano, foi-lhe concedido o posto de MAJOR HONORÁRIO, pelo mesmo serviço.

2.3 ATUAÇÃO NO AMAZONAS E EM MANAUS

2.3.1 Vida Social

Constatou-se que no ano de 1879, já exercia o direito do voto (EDITAES, 1879) e que em 1891 era eleitor regularizado pelo município de Tabatinga (AM) (ELEIÇÃO, 1891), o que sugere uma posição de certo destaque social, já que nesse período só votavam pessoas de posses. Tal análise, também é reforçada pela sua participação em Tribunal do Jury (TRIBUNAL, 1913). Ademais, também é corriqueiro verificar manifestações em diferentes jornais nos dias do seu aniversário, ao longo de diversos anos e nos dias natalícios de seus filhos e esposa, bem como registros de outros eventos, envolvendo sua família (SALAS, 1910; O Sr. MAJOR, 1904; CASAMENTO, 1916).

Também foi encontrada uma nota onde o mesmo houvera lecionado como professor em uma Escola Masculina, cuja sede ficava em São Joaquim, no ano de 1902, ano em que também foi exonerado (RELATÓRIO, 1902).

No ano de 1912 o mesmo participou de reunião da Associação Theosophica Amazonense “Centro de Estudos Psychicos”, onde se inscreveu como sócio fundador, ao lado de Claudio de Resende do Rego Monteiro, pessoa próxima de muitos pioneiros espíritas; Manuel dos Santos Castro, (pioneiro do Espiritismo amazonense) e Joaquim Francelino de Araújo, outro pioneiro já biografado, no IV Simpósio FAK, por Isis Martins (O THEOSOPHISMO, 1912). Vale ressaltar que foi localizado um registro de 1918, nas Atas da FEA, onde o presidente do referido Centro pedia que este funcionasse na sede da federativa, o que foi negado. Posteriormente, aparece nota onde o mesmo Presidente, que não foi identificado, pede autorização para

retirar uma estante de livros pertencentes ao Centro, tendo em vista que haviam mudado a sede para a Rua Luiz Antony, n. 63 (FEDERAÇÃO, 1918).

Em 1913 foi encontrado um registro do mesmo, participando da “Liga Protectora da Pobreza”, fazendo doações, o que indica o seu envolvimento com ações caridosas (LIGA, 1913).

2.3.2- Atuação Militar no Amazonas

Como já descrito, veio transferido para o Amazonas em 1879, passando a residir em Moura, provavelmente em janeiro deste mesmo ano, quando já estava casado com D. Gervásia Barbosa e tinha os filhos Pedro e Laura (O RIO BRANCO, 1879). Já em Moura, no mês de fevereiro, foi nomeado pelo Barão de Maracajú, então Presidente da Província, como “membro da comissão de colonização de Moura” (PORTARIA, 1879), onde fazia parte de um “destacamento militar para garantir a villa das aggressões dos índios Jauaperys, que têm trasido sempre em sobressalto os habitantes desse povoado” (RELATORIO, 1878, p. 30). O Barão de Maracajú ressaltou as suas qualidades de militar, descrevendo que tal destacamento era “comandando pelo prestimoso e inteligente 2º tenente do 3º Batalhão de artilharia a pé, composto de praças da ala esquerda do 11.º Batalhão de infantaria” (RELATORIO, 1878, p. 30).

Nos idos de 1880 foi nomeado para Villa Bella da Imperatriz nos seguintes termos:

“2º Tenente de artilharia Antonio José Barbosa que achei conveniente mandar para aquella localidade, onde a policia está acephala e o serviço publico reclamava a presença de uma autoridade policial que reunisse a actividade a intelligencia e a probidade” (EXPOSIÇÃO, 1880).

Também atuou como 2º tenente do 3º Batalhão de Artilharia a pé no comando da fronteira do Cucuhy (AO COMANDANTE, 1886) e em Manaus, foi tenente adjunto do Estado Maior, no ano de 1908 (OS 2º TENENTES, 1908); Major Honorário na Intendência Militar do 1º Distrito, no mesmo ano (AS PROPOSTAS, 1908); 2º tenente na Intendência da 1ª Região de Inspeção Permanente em Manaus em 1909 (ACEITOS, 1909); 2º tenente no Quartel General em Manaus, ainda em 1909 (QUARTEL, 1909) e Major Honorário do Exército do Quartel General e Intendência da Região também no mesmo ano (O MAJOR, 1909).

2.3.3- Atuação na Polícia

Foi delegado em Itacoatiara no ano de 1880 (PARTE OFICIAL, 1880); subprefeito e chefe da segurança na cidade de Manaus pelo menos no período de 1899 a 1904, no 3º, no 5º e no 10º Distrito da Capital (CIDADÃO, 1899; O DIA, 1900; O SR MAJOR, 1904; RELATÓRIOS, 1904).

Fato digno de nota foi um caso ocorrido em 1898, onde o mesmo “era sub-prefeito de serviço” na “chefatura da segurança da capital”, e o caso que foi levado para sua resolução foi desvendado, sem sua intervenção, em função das manifestações mediúnicas ostensivas de uma criança (CRIANÇA, 1898).

2.3.4 Como Político:

No ano de 1890, o Partido Republicano Democrático ofereceu-lhe um baile na cidade de São Paulo de Olivença (AM), mas não se encontrou demais indicativos para afirmar que o mesmo fora membro de tal entidade política (BAILE, 1890). Por outro lado, verificou-se que o mesmo foi membro do Partido Liberal, o partido dos maniveiros, em 1882 (DEPUTADOS, 1882), onde também atuou como 2º secretário em 1885, época em que o Partido Liberal tinha como presidente Guilherme José Moreira, Joaquim José Paes da Silva Sarmento, como vice-presidente, e Francisco Ferreira de Lima Bacury como diretor (EDITAES, 1885).

Eleito para a Assembleia Provincial do Amazonas, na legislatura de 1882-1883, assumindo o cargo de deputado provincial, como representante do eleitorado liberal de Itacoatiara. Exerceu seu cargo inicialmente sob a presidência de João Cunha Correa, sendo Bento Aranha o vice-presidente e Severo José de Moraes e Herculano Ferreira Penna de Azevedo, os secretários, e depois sob a presidência de Aprígio Martins de Menezes.

Integrou as Comissões de Poderes e Infrações Constitucionais e das Leis, uma das mais importantes daquela Casa Legislativa, e a de Força Policial (SESSAO, 1882). Também apresentou importantes projetos como o da criação da primeira empresa funerária na cidade de Manaus (SESSAO, 1882a).

Uma curiosidade é que no primeiro ano de seu mandato como deputado, o mesmo dividia a tribuna com o também deputado padre José Henriques Felix da Cruz Dacia que, anos antes, havia sido preso por Barbosa, quando no exercício da sua função de delegado em Itacoatiara. Segundo a notícia publicada no jornal “Comercio do Amazonas”, do dia 04 de Setembro de 1880, a prisão foi efetuada em função do referido padre “*estar um pouco alcoolizado e nesse estado desrespeitar as autoridades com palavras insultuosas e até ofensivas a moral e aos bons costumes*”. O fato é que analisando cuidadosamente as sessões da Assembleia Provincial, percebe-se claramente a mágoa e a relação pouco fraterna do deputado Padre Dacia para com o biografado deste artigo. Todavia, nessas manifestações verbais, pode ser constatado, entre outros aspectos, indicativos seguros que denotam a nobreza de caráter de Barbosa, bem como a constância nos seus atos em fazer aquilo que considerava ser o adequado no seu cargo. “O meu fim não é aqui satisfazer odiosidades pessoas, mas prestar alguns serviços à causa pública na altura dos meus fracos recursos intellectuais” (SESSAO, 1882b, p 34).

Durante sessão na Assembleia, no dia 13 de abril de 1882, ele se apresenta “abolicionista decidido” (SESSAO, 1882e), o que sugere de forma explícita que a valorização da fraternidade fazia parte da sua conduta.

No seu mandato, apresentou diversas propostas como, por exemplo: projeto para a reforma das igrejas nas povoações de Moureira e Castanheira (SESSAO, 1882c) e projeto visando favorecer meios para a iluminação pública de Itacoatiara (SESSÃO, 1882d). No ano de 1883, apresentou um projeto concedendo auxílio à construção da Igreja de São Sebastião, que a época já estava avançada e ficava sob a responsabilidade do Frei Jesusaldo Macheti (SESSAO, 1883a), bem como um projeto votando “60 contos de reis” para

favorecer a construção da Biblioteca Pública do Estado do Amazonas (SESSAO, 1883b).

No período legislativo seguinte, 1884-1885, foi eleito 2º secretário da Mesa Diretora da Assembleia, sob a presidência de Emílio José Moreira.

Em janeiro de 1909, Barbosa participa como fiscal em eleição do Partido Revisionista, ao lado do famoso médico Adriano Jorge e de dois pioneiros do Espiritismo: José Estevam de Araújo e de Felix Luiz de Paula, este último terá a sua biografia apresentada por Isis Martins, neste V Simpósio FAK. Nesta época, estavam à frente do Diretório da referida entidade política: Joaquim Sarmiento e Heliodoro Balbi (COLUMNA, 1909). Aqui, vale ressaltar que três anos antes, o partido tinha seu diretório composto por Balbi, ao lado de outros confrades, dentre eles Carlos Theodoro Gonçalves, o segundo presidente da Federação Espírita Amazonense, biografado por Joselita Nobre, no IV Simpósio FAK (PARTIDO, 1906).

2.4 ATUAÇÃO NO MOVIMENTO ESPÍRITA

O nobre pioneiro do Espiritismo nestas terras foi quem coordenou a primeira Reunião Preparatória para a fundação da Federação Espírita do Amazonas (FEA), no dia 1º de janeiro de 1904, o que sugere que seu envolvimento com a Doutrina Espírita era bem anterior a este momento, visto tratar-se de “reunião de todos os crentes espíritas existentes nesta capital” (FEDERAÇÃO, 1904a).

Além disso, Barbosa foi sócio fundador da Sociedade de Propaganda Spirita (ESTATUTOS, 1901) e eleito para suplente na diretoria desta Sociedade, no ano de 1901 (NO DIA, 1901). O que corrobora com a inferência de que o mesmo já despontava com atuação destacada e certa liderança nas lides espíritas.

O ano exato para seu envolvimento com a Doutrina parece ter sido o de 1884, quando do seu relato publicado na Revista Espírita “Reformador”, do mesmo ano, no Rio de Janeiro, que trazida na íntegra como anexo deste artigo (ANEXO 1), descreve fenômenos de efeitos físicos ocorridos nos anos de 1882 e 1884 com ele e sua família, composta, à época, de esposa e quatro filhos menores, na sua casa, na então Freguesia de Moura, província do Amazonas, que atualmente é a cidade de Barcelos (AM).

Até o ano de 1882, Barbosa se declarava católico (SESSAO, 1882), tanto que no seu relato pode ser observado que rezava missas e pedia auxílio aos Bispos para tentar resolver o “facto extraordinário e misterioso” (REFORMADOR, 1884, p 4) que ocorria em sua casa. Ademais, descreve que “nunca fui spirita e nem sequer li tratado algum sobre tão transcendente assumpto” (REFORMADOR, 1884 p.4) e

[...] incrédulo como muita gente, afinal, depois de muito investigar, de ter esgotado todos os meios possíveis para descortinar a verdade, fui obrigado á curvar respeitosamente a cabeça e entregar-me á crença do que quer que fosse de superior á matéria, que em plena luz meridiana, dava provas inconcussas de sua existência (REFORMADOR, 1884 p 4).

No mesmo relato, o mesmo descreve o acontecimento que determinou sua crença num ser invisível:

[...] Um dia que se jogava um objecto de um filho meu, apanhei-o, me dirigi a um quartinho, o deposei sobre um banco e disse: leve isto, porém, atire-o; e fiquei alli de sentinella. A um relancear de olhos, desapareceu: e assim por três vezes, sendo os objetos diferentes e jogados em presença de todos de casa e alguns curiosos. E não pude chegar á um resultado, devido aos meus, que me pediam, que não continuasse, porque poderia enlouquecer. Desse dia em diante, foi que principiei a crer firmemente na existência de um ser invisível e superior (REFORMADOR,1884 p 4).

Não tendo conhecimento das decisões tomadas pelo mesmo após essa declaração, não se pode afirmar *como, onde e com quem* teriam sido seus primeiros contatos com a Doutrina Espírita, bem como quais foram as suas primeiras atividades espíritas. Todavia, existe uma forte impressão de que o fato se deu ao lado de Bernardo Rodrigues D'Almeida, outro pioneiro já biografado nos Simpósios FAK, haja vista que Barbosa em diversas “Reuniões Comemorativas” alusivas à desencarnação de Almeida, realizadas na Federação Amazonense, discursava como se tivesse o conhecido de perto.

Outra inferência também realizada, é que possivelmente uma das suas primeiras atuações tenha sido no Grupo Caridade e Indulgência, que o mesmo presidia na data da fundação da FEA, em 21 de fevereiro de 1904 (FEDERAÇÃO,1904c) e do qual infelizmente não foram localizados outros registros.

Fato comprovado pelas atas históricas da FEA é que Barbosa presidiu as Reuniões Preparatórias para a fundação da Federativa Amazonense, fazendo parte da primeira comissão responsável pela criação dos seus Estatutos, ao lado de Emiliano Olympio de Carvalho Rebello, Joaquim Francelino de Araújo, Antonio Ulysses de Lucena Cascaes e Antonio Lucullo de Sousa e Silva. Todavia, “em vista de grande numero de emendas apresentadas” em reunião seguinte, outra comissão foi escolhida para finalizá-lo, sendo então votados e eleitos para a referida tarefa Leonardo Malcher; João Antonio da Silva e Antonio Lucullo de Sousa e Silva (FEDERAÇÃO,1904b).

Pela leitura da supracitada Ata, constata-se outros detalhes que patenteiam que a sua presença e atuação na FEA foi profícua e constante, como pode se ver ao longo dos anos.

No ano de 1904, Barbosa fez parte da comissão encarregada para a construção da sede da Federação, no terreno doado por Leonardo Malcher, ocasião em que foi apresentado por Malcher o orçamento feito pelo empreiteiro Manoel Gomes Ramos para construção do edifício “Templo da Verdade” (FEDERAÇÃO, 1904d). Também integrou a primeira “Comissão Consultiva” da FEA, ao lado de Antonio Lucullo de Sousa e Silva e Manoel dos Santos Castro, sendo os suplentes Antonio Ulysses de Lucena Cascaes e Pedro Paulo das Neves Vieira (FEDERAÇÃO, 1904e). Esta comissão, de acordo com o 1º Estatuto da Federativa, tinha como objetivo:

1- estudar as obras fundamentais do espiritismo para, de acordo com as mesmas, resolver qualquer dúvida suscitada entre os presidentes de grupo de qualquer crença. 2- Visitar trimestralmente, ou quando julgar conveniente os trabalhos de cada grupo federado; 3- Visitar os grupos que pretenderem se federar e dar parecer a respeito (FEDERAÇÃO, 1904c).

Tal comissão deveria ser eleita anualmente, cabendo a reeleição. Uma de suas atuações registrada em ata foi um parecer acerca de irregularidades encontradas em dois grupos espíritas, sendo uma delas “a falta de investigação quanto à identidade dos espíritos e exame nas suas comunicações” (FEDERAÇÃO 1904g).

Ainda no mesmo ano, palestrou no dia da inauguração do Templo da Verdade, e realizou diversas conferências, sendo orador oficial nas “Reuniões Comemorativas” da FEA (FEDERAÇÃO, 1904f).

No ano de 1905, também foi o orador oficial nas “Reuniões Comemorativas” e propôs que as reuniões de propaganda que, até então aconteciam pela manhã, passassem a ser realizadas às 19h00 (FEDERAÇÃO, 1905a). No mês de março do mesmo ano, foi indicado pelo então presidente da FEA, João Antonio da Silva, para presidir as Sessões de Propaganda. Também fez parte da comissão que criou um Regimento Interno para a Federação, atuando ao lado de Marcolino Rodrigues e Antonio Lucullo (FEDERAÇÃO, 1905b).

Nos anos de 1906 e 1907, fez parte da “Comissão de Contas” da FEA, ao lado de Gonçalo Rodrigues Souto e Jovita Olympio de Carvalho Rebello; (FEDERAÇÃO, 1906; 1907), ano em que também fez conferências nas “Reuniões Comemorativas”.

Em 1908 permaneceu na “Comissão de Contas”, ao lado dos mesmos confrades do ano anterior, e em 06 de setembro de 1908 solicita o Templo da Verdade para realizar reuniões mediúnicas (FEDERAÇÃO, 1908a; 1908b).

No ano seguinte, 1909, não exerceu nenhum cargo, mas permaneceu participativo nas reuniões, sempre se posicionando adequadamente e versadamente sobre a Doutrina Espírita.

Foi eleito vice-presidente da FEA, em 1910, ao lado de João Antonio da Silva como Presidente, quando assumiu interinamente a presidência em função de viagem de João Antonio da Silva, no período de 31 de março até 02 de outubro (FEDERAÇÃO, 1910a; 1910b; 1910c).

Assumiu novamente a “Comissão de Contas”, no ano de 1911, ao lado de Jovita Rebello e Rogério Teixeira (FEDERAÇÃO, 1911), onde permaneceu em 1912, mas desta vez ao lado de José Ferreira da Silva e Manoel dos Santos Castro (PARA, 1912; FEDERAÇÃO, 1912), ano que se destacou novamente fazendo conferências sobre a Doutrina Espírita.

No ano de 1913, deu continuidade na mesma comissão, ao lado de Bento José de Lima e Joaquim Ferreira da Silva (FEDERAÇÃO, 1913).

O último registro de sua profícua atuação na FEA foi localizado no ano de 1914, quando foi eleito Orador Oficial (FEDERAÇÃO, 1914). Em 1915, estava doente e parece não ter participado das reuniões. O então presidente

Carlos Theodoro Gonçalves nomeia uma comissão composta por José Gerson Brandão e Nilo do Amazonas Barroso Baptista para irem visitá-lo em nome da Federação, após a visita, relataram “encontrando o referido irmão com allivio em seus sofrimentos” (FEDERAÇÃO, 1915b; 1915c).

Em 1916, ano da sua desencarnação, não foi encontrado nenhum registro do seu nome nas poucas Atas existentes no Livro 1 de atas da FEA. Foi localizado um registro do seu sobrinho, pedindo à Delegacia Fiscal o pagamento do funeral do tio (OCTAVIANO, 1916).

Além dos registros de sua atuação na FEA, também foram encontrados dois artigos de cunho espírita escritos nos jornais de circulação da capital; um no Jornal do Commercio, do dia 21 maio 1907, que descreve o caso de uma paraibana que foi queimada na época da inquisição. Barbosa faz o relato para ser um registro homenageando essa anônima, que foi exemplo vivo de coragem e abnegação. E outro, intitulado “Fenomeno Celeste”, no Correio do Norte, no ano de 1911, onde o mesmo avista a superposição de duas grandes estrelas de duplo brilho, que passam pelo meridiano do Amazonas” (DO ALEM, 1911 p 2).

Outro registro importante do seu envolvimento com a Doutrina Espírita foi o da sua atuação em um grupo chamado “Fé e Resignação”. Esse grupo parece ter sido fundado por Barbosa, pois no ano de 1907 ele apresenta à FEA o pedido de que o seu Grupo passe a ser federado (FEDERAÇÃO 1907b).

2.5 DESENCARNAÇÃO

Os únicos registros da sua desencarnação foram encontrados em Jornais da sua época. No Jornal do Comercio, de 8 de Maio de 1916, lê-se notícia informando que seu sepultamento ocorreu no dia anterior, no Cemitério São João Batista. Em novembro do mesmo ano, encontra-se a descrição dos enfeites da sepultura de Antonio José Barbosa no dia dos finados (ABUNDANCIA, 1916). No ano de 1917, foi achada uma nota no jornal A Capital, onde Angelina e Laura pedem ao Ministério da Guerra, na qualidade de filhas e únicas herdeiras sobreviventes, uma certa quantia que este havia deixado de receber quando em exercício de sua função (PELA, 1917).

CONCLUSÃO

O Major Antonio José Barbosa ou Barboza, como em alguns registros encontrados, até então desconhecido para muitos de nós do Movimento Espírita, passa agora a ser reconhecido nesta sua encarnação nas plagas amazônicas descrita neste artigo.

Militar, atuante na polícia, político, por certo representou figura importante de autoridade. Pareceu exercer com empenho e dedicação o papel que lhe coube nestes cargos, demonstrando que o seu objetivo era cumprir o esperado e o correto para aquela posição, até que “chamado” pelos espíritos que agitaram sua casa, foi obrigado a curvar-se a um novo modelo de

proceder, pautado, sobretudo na aquisição de conhecimentos sublimes e edificantes.

Analisando sua atuação no Movimento Espírita, fica notório seu amplo conhecimento doutrinário e a honestidade com que os colocava em prática. Suas conferências, ainda que analisadas através de descrições muito sucintas nas Atas da FEA, indicam que o estudo era um companheiro constante do nobre confrade. Enquanto tantos outros utilizavam o recurso da escrita para o discurso, o mesmo doutrinava apenas com a sua memória e por certo muito se preparava para as referidas ocasiões, sempre falando da Doutrina com linguagem clara, precisa e aprofundada.

Por certo, viveu as provações inerentes às reencarnações na Terra, mas seu contato com a Doutrina Consoladora deve ter sido refrigério para sua alma, caso contrário não seria a constância uma das suas marcas impressas na sua contribuição ao Movimento Espírita do Amazonas. Portanto, a ti, Antonio José Barbosa, ficam registradas à gratidão da autora pelo muito que fizestes.

O QUE APRENDI SOBRE MIM MESMO

Na construção do artigo, um dos aprendizados mais gratificantes que tive, foi a certeza de que quando manifesto verdadeiramente minha vontade para um objetivo, consigo dedicação e disciplina necessárias para concluí-lo com êxito. Historiar pioneiros do Espiritismo do Amazonas não é tarefa simples e requer muitas horas de dedicação.

Outra lição, é que de nada adianta analisar os outros e suas contribuições e feitos no mundo, se isso não me tornar uma pessoa melhor.

Também reflito que se assumi perante os Simpósios FAK o compromisso de biografar pioneiros do espiritismo do Amazonas e a história desse Movimento, é porque tenho compromissos e comprometimentos com a divulgação e propaganda da Doutrina Espírita, que devo resgatar através da minha constância nas atividades do bem e no trabalho na Evangelização Infantil dentro da tão amada Fundação Allan Kardec. Aprendi que devo seguir caminhando apoiada fortemente pelos estudos e pela convivência com meus amigos e companheiros amados, para que eu possa, fora da FAK, consubstanciar o aprendizado e evangelização de mim mesmo, na minha vida social, no trabalho e, sobretudo, na minha família.

REFERÊNCIAS

ABUNDANCIA. **Jornal do Comércio**. 03 Nov 1916, ed 4499, anno XII.

ANNAES DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA PROVINCIAL DO AMAZONAS DO BIENNIO DE 1882- 1883. Impresso na Typografia do Amazonas. Manaós. Sessão de 31 de Março de 1882a, p.32.

_____. Manaós. Sessão de 30 de Março de 1882b, p 31.

_____. Manaós. Sessão de 11 de Abril de 1882c.

_____. Manaós. Sessão de 13 de Abril de 1882d.

_____. Manaós. Sessão de 04 de Abril de 1883a.

_____. Manaós. Sessão de 13 de Abril de 1883b.

_____. Manaós. Sessão de 13 de Abril de 1882e.

A MENINA Galante Barbosa. **Jornal do Commercio**. 7 Nov 1907, ed 1300, ano 4, p 2.

ARTIGO Espirita. **Jornal do Commercio**. 21 Mai 1907, ed 1040, anno 4, p 2-3.

ANTONIO José Barbosa. **Jornal Amazonas**. 24 Jul 1881, ed 603, anno XVI, p.3.

ANNIVERSARIOS. **A Capital**. 7 Nov 1917, ed 113, anno 1, p 2.

ANNIVERSARIOS. **Jornal do Commercio**. 7 Nov 1924, ed 7347, anno XXI, p 1.

ACEITOS. **Jornal do Commercio**. 20 Abr 1909, ed n1813, anno 6, p 1.

AS PROPOSTAS. **Jornal do Commercio**. 2 Nov 1908, ed 1657, anno 5, p 3.

AO COMANDATE. **Jornal do Amazonas**. 06 Jul 1886, ed 242, anno XII.

A RESIDENCIA. **Jornal do Commercio**, 12 Jul 1906, ed 732, anno 3, p 2.

A MANAOS tramways. **Amazonas**. 26 Mar 1912.

BAILE. **Amazonas**. 04 Out 1890, ed 2083, anno XXVI, p 2.

CASAMENTO. **Jornal do Commercio**. 04 Mai 1912, ed 2887, anno IX.

CASAMENTO. **Jornal do Commercio**. 03 Nov 1916, ed 4499, anno XII.

CONVITE. **Jornal do Commercio**. 25 Dez 1913, ed 3471, anno X, p 2.

CRIANÇA médium desvenda caso na Capital do Amazonas. **Jornal de Notícias**. Bahia, 15 Fev 1898, p 2. Disponível in: <www.arquivoespirita.org>.

CIDADÃO prefeito da capital. **Commercio do Amazonnas**. 18 Abr 1899, ed 444, anno 31, p 3.

COLUMNA Revisionista. **Jornal do Commercio**. 20 Jan 1909, ed 1748, anno 8.

DO ALEM. **Correio do Norte**. 1.º Set 1911, ed 783, anno 3, p 2.

DESVAIRADO. **Jornal do Commercio**. 24 Mar 1911, ed 2490, anno 8, p 1.

DEPUTADOS provinciaes. **A Constituição**. Belem (PA). 25 Jan 1882, ed 20, anno IX.

DO VAPOR nacional. **Quo Vadis**. 10 Dez 1902, ed 19, anno 1, p 2.

EDITAES. **Liberal do Pará**. Belem (PA) 06 Mai 1885, ed 10, anno XV.

EDITAES. **Diário Oficial**. 5 Jun 1879, ed 1879, anno 8, p 18626.

ELEIÇÃO de 1 de Maio. **Diário de Manaus**. 8 Abr 1891, ed 272, anno 1, p 1-2.

ESPONSAES. **Jornal do Commercio**. 09 Jul 1911, ed 2591, anno 8, p 2.

FAZEM. **Jornal do Commercio**. 12 Jun 1906a, ed 732, anno 3, p 2.

FAZEM. **Jornal do Commercio**. 20 Ago 1906b, ed 771, anno 3, p 2.

FEDERAÇÃO Espirita do Amazonas. **Correio do Norte**. 1906 p.4.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA AMAZONENSE. Manaus. Acta da Sessão de 1.º de janeiro de 1904a, p 1.

_____. Acta da Sessão de 17 de janeiro de 1904b, p 4.

_____. Acta da Sessão de 21 de fevereiro de 1904c, p 4v.

_____. Acta da Sessão de 07 de março 1904d, p 10v.

_____. Acta da Sessão de 17 de abril de 1904e, p 12v.

_____. Acta da Sessão de 02 de outubro de 1904f, p 18.

_____. Acta da Sessão de 04 de dezembro de 1904g, p 24.

_____. Acta da Sessão de 07 de maio de 1905a, p 37v.

_____. Acta da Sessão de 04 de junho de 1905b, p 39.

_____. Acta da Sessão de 13 de maio de 1906, p 74.

_____. Acta da Sessão de 03 de março de 1907, p 88.

_____. Acta da Sessão de 21 de fevereiro de 1908a, p 101.

_____. Acta da Sessão de 06 de setembro de 1908b, p 108.

_____. Acta da Sessão de 21 de fevereiro de 1910a, p 119.

_____. Acta da Sessão de 06 de março de 1910b, p 120.

_____. Acta da Sessão de 31 de março de 1910c, p 121.

_____. Acta da Sessão de 31 de março de 1911, p.127.

_____. Acta da Sessão de 21 de fevereiro de 1912, p.131v.

_____. Acta da Sessão de 31 de março de 1913, p 133.

_____. Acta da Sessão de 22 de Março de 1914, p136.

_____. Acta da Sessão de 02 de Maio de 1915a, p 146 .

_____. Acta da Sessão de 01 de Agosto de 1915b, p 147v.

_____. Acta da Sessão de 05 de Setembro de 1915c, p 148v.

_____. Acta da Sessão de 03 de novembro de 1918, p 167v.

LIGA Protectora da Pobreza. **Jornal do Commercio**. 05 Jul 1913, ed 3300, anno X, p 2.

LIGA Protectora da Pobreza. **Jornal do Commercio**. 04 Jul 1913, ed 3299, anno X, p 2.

NO DIA 1 do corrente. **Mensageiro**. 15 Jan 1901, ed 2, anno 1, p 4.

MATRICULA. Mensagens do Governador do Amazonas para a Assembleia. 1902, p 143

NO CEMITÉRIO. **Jornal do Comércio**. 08 Mai 1916, ed 4323, anno XIII, p 1.

OCTAVIANO. **Jornal do Comércio**. 11 Mai 1916, ed 4326, anno XIII, p 1.

O DIA policial. **A Federacao**. 2 Nov 1900, ed 788, anno 7, p 1.

O MAJOR honorário do Exército. **Jornal do Comércio**. 3 Set 1909, ed 1949, anno 6, p 1.

O RIO BRANCO condusio. **Amazonas**. 12 Jan 1879, ed 226, anno XII, p 2.

OS 2º TENENTES. **Jornal do Commercio**, 2 Abr 1908, ed 1445, anno V, p 1.

O SR MAJOR. **Jornal do Commercio**. 10 Jul 1904, ed 164, anno I, p 2.

O THEOSOPHISMO. **Jornal do Commercio**. 3 Jun 1912, ed 2917, anno IX, p 2.

PARA dirigir a Federação. **Jornal do Commercio** 10 Mar 1912, ed 2834, anno IX, p 1.

PARTE OFICIAL. **Commercio do Amasonas**. 04 Set 1880, ed 10, anno XII, p 1.

PASTA DE ALTERAÇÕES MILITARES, localização I-18-26, seção acervo pessoal, Acervo Histórico do Exército, RJ.

PASSOU ontem a data. **Jornal do Commercio**, 20 Ago 1906, ed 771, anno 3, p 2.

PARTIDO Revisionista. **Correio do Norte**. 26 Jan 1906, ed 05, anno 1.

PELA Delegacia. **A Capital**. 13 Nov 1917, ed 119, anno 1.

PELOS mortos. **Quo Vadis**. 25 Nov 1902, ed 6, anno I, p 2.

PORTARIA. **Amazonas**, 16 Fev 1879, ed 241, anno XII, p 1.

QUARTEL. **Jornal do Comércio**. 5 Set 1909, ed 1951, anno 6, p 1.

RELATÓRIO DOS PRESIDENTES DOS ESTADOS BRASILEIROS (AM)-1891 a 1930.

RELATÓRIOS DE EXPOSIÇÃO DO PRESIDENTE DA PROVÍNCIA. Barão de Maracajú de 25 de Agosto de 1878.

RELATÓRIO DOS PRESIDENTES DOS ESTADOS BRASILEIROS 1902.

RELATÓRIO DOS PRESIDENTES DOS ESTADOS BRASILEIROS (AM). Maio de 1904.

SALAS e salões. **Jornal do Comercio**. 13 Jun 1910, ed 2225, anno 7, p 2.

SOCIEDADE DE PROPAGANDA SPIRITA. **Estatutos da Sociedade de Propaganda Spirita do Amazonas**. Manaus: Typographia do *Mensageiro*, 1901, in trabalho da D Isis III simpósio.

TRIBUNAES. **Jornal do Commercio**. 09 Fev 1913, ed 3156, anno X, p 2.

ANEXO

REFORMADOR — 1884 — Junho — 15

Como promettemos, apresentamos, sem commentarios, o trabalho que nos foi remettido de Manaus.

FACTO MYSTERIOSO

Antes de dar principio á narraçáo de um facto extraordinario e mysterioso, que teve lugar na freguezia de Moura, provincia do Amazonas, nos annos de 1882 e 1884, devo franca e sinceramente dizer aqui ao leitor imparcial, que nunca fui spirita e nem sequer li tratado algum sobre tão transcendente assumpto.

Incredulo, como muita gente, afinal, depois de muito investigar, de ter esgotado todos os meios possiveis para descortinar a verdade, fui obrigado á curvar respectivamente a cabeça e entregar-me á creença do que quer que fosse de superior á materia, que em plena luz meridiana, dava provas inconcussas de sua existencia.

Não supponha o leitor incredulo, que o autor destas linhas seja algum visionario ou que tivesse sido victima de alguma allucinação ou fraude.

O facto achá-se testemunhado e authenticado, como mais adiante verá, se acompanhá-lo até o fim.

Eis uma resenha:

Em 1882 retirei-me de Manãos com minha familia, que se compõe de quatro filhos menores, minha senhora e dois criados de ambos os sexos, para a freguezia de Moura.

Logo que chegamos, fomos morar com uma familia, que nos offereceu a casa, até que vagasse uma outra, que se achava em concertos.

Prompta ella, tivemos que nos mudar e depois de decorrirem uns dias, meus filhos principiam a se queixar de que se jogava sobre elles, ao entardecer, pequenos objectos, sem offendel-os.

Logo que tive denuncia do que se dava, não liguei importancia, por julgar ser brinquedo de crianças entre si, ou de algum de casa com elles, para intimidar-os.

Mais tarde minha senhora me chamou a attenção, pedindo-me providencias a respeito.

Comtudo não acreditei e nem me passava pela mente algum effeito sobrenatural.

Em seguida queixaram-se tambem os criados.

Então principi a espertear e muitas vezes fui testemunha; guardava o que se atirava, para examinar no dia seguinte.

E o mais interessante era que o habil apedrejador principiava das seis da tarde ás nove da noite, e só nos deixava descansar quando resava-se.

Eu, apesar de tudo isso, não deixava de empregar todos os meus esforços, rondava os arredores da casa, armado, dava tiros, não obstante ver que o objecto que se atirava, vinha com pouca força e de perto, felizmente sem tocar em ninguém.

E assim passaram-se mezes.

Desenganado por ver que não obtinha resultado algum, cada vez mais ignorando, sem poder acreditar na existencia do sobrenatural, tão contrario ás minhas ideias, resolvi fechar as portas da casa, ao escurecer, reuni a todos de casa em um só lugar, com luz bastante intensa, e o resultado era sempre o mesmo; de diversos lugares, quasi simultaneamente, nos atiravam pedras, torrões de barro, etc., vendose distinctamente de onde partiam.

Para não ser tido por mentiroso, fazia convites, pedia a todos que prestassem toda attenção, percorressem toda a casa, e depois de feito isto sentavam-se e principiavam as pedras, os torrões de barro, e punhados de terra, a surgir de diferentes lugares interiormente, achando-se a casa fechada.

Por tres vezes cerquei a casa e nada perturbava ao invisivel apedrejador,

antes pelo contrario, como que se encommoçava, por ver tanta gente reunida.

Soffro por me mudar por causa de minha senhora, que devido ao medo, soffria de ataques nervosos, dos meus filhos todos assombrados, pedi a uma familia um agasalho durante a noite e quando voltavamos ás seis horas da manhã para casa, eramos recebidos debaixo de pedras, e assim todo o dia.

Deitado em uma rede na pequena sala da casa, quando ia fechando os olhos, sentia uma coisa entrar subtilmente entre a cabeça e o punho da rede e levando rapidamente a mão ao lugar, pegava em um torrão de barro.

Dizia: Com effeito, nem sequer de dia me deixam descansar!

E depois sentando-me em uma cadeira, ouvia uma pancada no tecto, do lado opposto onde me achava e olhando, via uma pedra com direcção a mim, cahia-me aos pés, apanhava-a e a jogava fóra e assim muitas vezes.

Parecia que invisivel apedrejador, que nos incommodava de noite e nunca ás escuras, o fazia de dia, em consequencia de não dormirmos em casa.

Como quem consigo dizia: uma vez que vocês não dormem mais aqui, mesmo de dia os perseguirei até mudarem-se.

Como de facto, felizmente, em poucos dias, nos achavamos mudados e em seguida parti para Manãos, com meu criado, alvo da desconfiança de muita gente, deixando em Moura minha familia, por julgar que nada mais soffresse.

Total engano.

Ao chegar, conton-me minha senhora, que no dia seguinte á minha partida, continuaram os mesmos tormentos de dia e de noite e que a criada continuava a ser sempre a peor victima.

Com tal noticia fiquei desesperado e disse á minha senhora, que tivesse paciencia, coragem, que não convinha uma mudança já, pois que eu queria convencer-me da existencia do sobrenatural, embora tivesse provas subejas.

E continuei no meu posto de honra, sempre alerta e calmo, observando cada vez mais cousas estupendas, como por exemplo, o ver um filho ser despertado alta noite a chorar, pedindo um objecto que se lhe havia roubado, quando de repente o objecto cahia-lhe aos pés.

Despertar-se um outro para atirar-lhe um pequeno torrão de barro, sómente com o fim de intimidar a criança, que corria assombrada: e da mesma forma sobre todos de casa já deitados.

Em pleno dia atirar-se sobre a criada subitamente um punhado de terra, quando ia sentar-se á mesa para comer, inutilisando-lhe a comida e por mais de uma vez, em estado de vigilia, tendo visto o vulto de um homem, signal evidente de perseguição, sempre que cessavam as pedras, o que foi por mim observado muitas vezes.

Estavam as cousas neste estado de desespero, quando minha senhora pediu-me para mandar resar uma missa, para ver se assim se desenganava, lembrando-me o effeito das resas.

Para não contrariar-a e mesmo para uma experiencia, prometti em altas vozes e o que é verdade é que dahi em diante o estado de perseguição cessou até a chegada de um sacerdote que se esperava de Manãos.

Devido, porém, a mim, não foi a promessa cumprida e no dia da retirada do sacerdote, as pedras e torrões de barro, choviam dentro de casa.

Admirado por este facto singular e já inclinado a acreditar no sobrenatural, minha senhora foi de opinião que se pedisse uma imagem do Cris-

cificado, para se ter em casa e resar-se todos os dias.

Felizmente obtive uma e a conservava sobre uma mesa na sala em que dormiamos e eramos apedrejados.

Pelo que quer que fosse, o apedrejador respeitou o lugar, porquanto só atirava uma ou outra pedrinha, no corredor e em um quarto, de dia e de noite, em qualquer que sahisse.

Como via eu que o invisivel hospede não tinha ainda se mudado, e estando para chegar, S. Ex. Rev. o Sr. Bispo D. Antonio, do Pará, em sua viagem pastoral ao Rio Negro, pela segunda vez prometti mandar resar uma missa e fui de novo attendido até a passagem de S. Ex. por Moura, prometendo voltar. Na vespéra de sua chegada, ás 7 horas da noite, um grande matacão de barro, perpendicularmente cahio entre todos, como signal de aviso e lembrança da promessa da missa, e como de facto no dia seguinte chegasse elle, sem perda de tempo foi a missa dita.

Desse dia em diante reinou inteira paz, casaram-se os meus criados e em seguida retirei-me com a familia para Manãos, continuando ainda os dois criados a viver em nossa companhia até hoje.

Em 1883, voltei outra vez a Moura com a familia e fomos morar em uma casa pela primeira vez, julgando que nada mais nos acontecesse; levando commosso os dois criados (já casados).

Passados um mez e dias, meus filhos entraram a se queixar, que se lhe roubava objectos que guardavam e depois, os jogavam sobre elles.

A criada com seu marido, fechavam as portas, as escoravam, mas de repente cahiam as escoras com toda a força.

Examinavam commigo toda casa, que vivia illuminada e nada encontrava-se.

Erão dez horas da noite, de um luar clarissimo.

Achava-se a criada embalando em uma rede uma criança, quando de repente ouve-se uma forte pancada em uma janella, junto á qual ella se achava e assim tres vezes, indo promptamente eu examinar.

Elle estava muito triste, por julgar ser seu marido, que se achava em Manãos, e que talvez tivesse morrido, chamei-a para deitar-se no nosso quarto; ella deitou-se em umas cadeiras, sem dormir, e em breve tempo era jogada fóra do lugar.

Muito assustada pela primeira vez, sentou-se, e passados minutos, uma outra cadeira ia sendo arrastada, á nossa vista, para o interior de um quarto, nos levantamos e collocámos no seu lugar e cassou.

No dia seguinte continuou a perseguição, por certo espaço de tempo, só diariamente, cessando ao escurecer, felizmente.

O que quer que fosse, que a principio nos jogava objectos estranhos, entrou a jogar os de casa e de um modo extraordinario!

Por exemplo: Uma pessoa de casa qualquer, repentinamente lembrava-se de um objecto guardado e indo procurá-lo, não era preciso se incommodar, porque immediatamente lhe era jogado.

Factos identicos a este, davam-se diariamente e á luz meridiana.

Um dia que se jogava um objecto de um filho meu, apanhei-o, me dirigi a um quartinho, o depesitei sobre um banco e disse: leve isto, porém, atire-o; e fiquei alli de sentinella.

A um relancear de olhos, desapareceu: e assim por tres vezes, sendo os objectos diferentes e jogados em presença de todos de casa e alguns curiosos.

E não pude chegar á um resultado, devido aos meus, que me pediam, que não continuasse, porque poderia enlouquecer.

Desse dia em diante, foi que principi a crer firmemente na existencia de um ser invisivel e superior.

Casualmente apparece um padre e pedi-lhe para resar outra missa e a paz se seguiu pela terceira vez, retirando-me com a familia para Manãos, onde ultimamente temos sido de alguma forma perseguidos.

Se en fosse, leitor, historiar o facto tal qual se deu, com todos os seus pormenores, não me sobriaria o tempo e além disso, deram-se cousas tão estupendas, que sou obrigado a occultal-as, para não cahir tanto no descredito publico.

Imagine o leitor os tormentos que passou minha familia, as noites de vigilia, o terror com que se achava possuida, vendo objectos desaparecerem subitamente de sua vista e depois serem jogados sem se saber explicar como!

Muito fiz para descobrir a verdade e commigo muita gente; e quanto mais se investigava era peor, de sorte que fui vencido e com muita honra, porque ninguém faria mais do que eu, para chegar a um resultado convincente, sem ter sido victima de fraude ou allucinação, como de tudo tenho consciencia, e desafio a quem quizer provar o contrario. Já conto 40 janeiros, sou pae de 4 filhos e tenho muita experiencia deste mundo, e não daria publicidade a um facto como este, sem que esgotasse primeiro, todos os meios possiveis, de que se pode lançar mão.

Quem quizer que negue, faça seus commentarios a respeito, porqu não deamente o que testemunhas oculares corroboram.

Concluindo direi: embora os pigmens da actualidade, como eu, que se querem fazer gigantes em assumptos transcendentis, tentem rediculisar o facto que acabo de narrar ou mesmo que invectivem, não importa, morrerei ignorante com as creenças que hoje tenho e como Magdalena, abraçada aos pés da Cruz.

Manãos, 11 de Abril de 1884.

ANTONIO JOSÉ BARBOZA.

Documento n. 1

Illm. Sr. 2.º Tenente Antonio José Barboza. — Recebi a sua carta datada de hoje. na qual me pede, que atteste o que vi e sei a respeito do apedrejamento de que foi V. S. victima e toda sua familia, desde Junho de 1882, até a chegada, nesta villa de S. Ex. o Revm. Sr. Bispo D. Antonio de Maciel Costa, em Fevereiro de 1883.

Satisfico o pedido.

Foi V. S. quem primeiro participou-me de que estava sendo apedrejado em sua casa de dia e de noite e que attribuía ser o autor do gracejo, Germano de Azevedo, morador neste lugar, por ter V. S. visto elle passar ás 6 1/2 horas da tarde, por frente da casa, quando era apedrejado; fiz ver-lhe que Germano era homem respeitador, por isso o julgava incapaz de semelhante occupação.

Retirei-se Germano para fóra da villa, e V. S. participou-me em conversas que tinha sido injusto, fazendo-me juizo de Germano, porque tendo elle se retirado de Moura, não tinham cessado as pedradas.

V. S. como todo homem, em igual situação, procurava outros alvos de suas desconfianças, porém o tempo e a experiencia demonstraram claramente a V. S. que era ainda injusto com aquelles que suppunha capazes de illudirem a vigilancia de tantos homens, que com interesse se portavam em ser os primeiros a descobrir o mysterio, e só V. S. se capacitou de suas suspeitas infundadas, quando eu e mais moradores reunimo-nos em sua casa, fazendo recolher em uma só sala todos quantos alli se achavam,

fechando-se as portas e janellas, para melhor descobrimento da verdade, ficando todos em um só lugar, para testemunharem então o que virão nessa occasião, de surgirem pedras do tecto e cantos da casa, em presença de tantos olhos curiosos!

Foi nessa occasião que V. S. assim como eu e todos abaixaram a cabeça, sem saber explicar esse phenomeno, que não tem sido acreditado, senão por aquelles que foram delle testemunhas, com pasmo e admiração.

O facto do apedrejamento de que foi V. S. victima e sua familia, julgo não ser o primeiro, já em Napoles, cidade da Italia, deu-se um identico, como bem noticiou um jornal d'aquella localidade.

Confesso, que quando li a transcripção dessa noticia no *Diario de Belém*, dividei um pouco de sua veracidade, ao passo que me estava reservado para mais tarde dar credito com o que vi e presenciei em sua casa, não uma, mas muitas vezes, acompanhado de diversas pessoas, que a curiosidade conduzia para ver, ver e admirar esse mysterio, que até hoje não posso esquecer-me d'elle; pela sua origem e modo porque obrava.

A' bordo de um dos vapores que fazem a navegação deste rio, um cavalleiro fez-me perguntas relativas a este facto, contei-lhe o que tinha succedido por espaço de muitos mezes e de tudo quanto se lançou mão para o descobrimento desse segredo; disse-me elle: Eu só acreditaria se visse.

Então não leva em conta os testemunhos?

Se o senhor segue essa singular theoria, de só acreditar aquillo que vê, ha de permitir-me que lhe diga, que está muito atrasado.

Triste do mundo se todos pensassem assim!

Felizmente o homem reflectido não põe duvida nos testemunhos sinceros.

O facto minuciosamente narrado por V. S. é a expressão da verdade, tendo como testemunhas delle, os habitantes de Moura, por isso attesto tudo quanto ali narra, deixando de tratar ponto por ponto, para não tornar-me fastidioso em repetir aquillo que já foi dicto.

De V. S. Am. Cr. Obr. — Antonio de Oliveira Horta.

Moura, 4 de Julho de 1883.

Documento n. 2

Ilm. Sr. Tenente Antonio José Barboza. — Respondendo á carta em que pede V. S. attestar sobre o apedrejamento de que foi victima e toda familia nesta freguesia, em amor á verdade tenho a dizer, que occupando um lado da casa de telha com minha familia, na qual tambem morava V. S. com a sua, por haver me cedido, isto de Dezembro de 1882 a Março de 1883, attento á nossa amizade de muitos annos, fui por vezes testemunha ocular da constante perseguição que alli soffreu V. S. e que muito o ajudou a investigar a verdade, sem nunca descobrirmos causa alguma.

Conversando sempre com V. S. em sua casa e vice-versa, ninguém mais está nos casos de saber e attestar como teve fim a perseguição até a ida de S. Ex.º Sr. Bispo D. Antonio, tal qual V. S. conta.

Sinto ser laconico na narração que faço, porque seria preciso muito escrever, para dizer tudo que vi e sei.

Apenas me limitarei a dizer, que é impossível que a mão humana, seja capaz de fazer cousas tão extraordinarias e de dia ao alcance de todos, sem poder ser descoberta.

Felizmente dispõe V. S. de muitas testemunhas de vista e do povo desta freguesia que de todo está prompto a attestar a verdade quando for preciso.

De V. S. am. cr. e obr. — Camillo Gonsalves de Oliveira Mello.

Moura, 5 de Julho de 1883.

Documento n. 3

Ilm. Sr. Tenente Antonio José Barboza. — Justifico os factos que se tem dado neste lugar com V. S., cousa que eu não acreditava, mas no dia 7 de Setembro do corrente, ás 11 horas do dia, V. S. mandando-me chamar em nossa casa, a toda pressa fui e chegando na do V. S. entrei e sentei-me em uma cadeira.

Olhando para o outão da casa, do lado do norte, vi sair uma pedra da rachia da parede e cahir no chão.

Com espaço de cinco minutos sahio outra do fochal e bateu na cabeça da senhora de V. S., que ficou com os cabellos cheios de barro.

Depois retirei-me para a casa pensando no que tinha visto e formando meu juizo.

Nada mais sei e estou prompto a justificar o que vi, em qualquer tribunal a que for chamado.

Am. cr. e obr. — Manuel Alves de Mello.

Moura, 9 de Novembro de 1883.

Documento n. 4

Ilm. Sr. Tenente Antonio José Barboza. — Em resposta ao conteúdo de sua carta, tenho a dizer-lhe o seguinte: Pouco mais de meia hora depois da minha chegada em casa de V. S., sacudiram uma pedra, depois outra e continuou de tal forma que ás 2 horas da madrugada, contávamos 24 pedras de todo o tamanho, como torrões de barro secco, e alguns atirados de leve em pessoas de sua familia, não se desfazendo, mas alguns vinham com tanta força que ficavam em migalhas, e nos intervallos das pedras, alguns punhados de areia e terra.

Fui mais feliz que o Sr. professor Nolasco, que estava presente, de tres pedras que visivelmente arremessaram-me, nenhuma tocou-me.

O que mais me incomodava, era não saírem de uma só direcção.

A mim parecia, que uma mão occulta arremessava estas pedras.

Com todo sangue frio esperava o resumo do tiroteio das pedras.

De repente sacudiram uma com tanta força e tão grande, que indo de encontro a uma mesa, aonde estava um candieiro, um espelho e varios objectos, ficou em migalhas.

Foi uma verdadeira explosão, causando grande terror na familia de V. S., que foi obrigada a passar o resto da noite em casa do dito Sr. professor, em vista de seu offerecimento, ficando na casa eu, seu famulo e uma praça do destacamento, mas que já dormia havia mais de uma hora.

Na retirada de V. S. da casa, ainda não tinha dado seis passos além, observei passar uma sombra de um ponto a outro do interior da casa, e a sombra era vulto de um homem.

Levantei-me prompto a reconhecer quem era, suspendi a cortina da porta e nada vi.

Segui com o famulo de V. S., com um lampejo que dava claridade á paragem pela qual passou a sombra. Revistamos os quartos.

As portas e janellas fechadas.

Neste interim voltou V. S. relatei-lhe o occorrido e fiquei de proposito na casa até ás 6 horas da manhã; e nada mais vi e nem ouvi.

No mais, tem V. S. permissão de fazer destas linhas o uso que lhe convier.

Deste menor criado — Manuel Antonio de Araújo.

Moura, 7 de Outubro de 1883.

Documento n. 5

Moura, 15 de Setembro de 1883.

Ilm. Sr. Tenente Antonio José Barboza. — Recibi sua carta de hoje datada, na qual me pede que, em fé de verdade, atteste sobre o que presenciei em sua casa na noite de 13 do corrente.

Respondendo pois o seguinte sobre o facto: Tendo sido na mesma casa, naquella noite, ás 10 horas, chamado por um criado de V. S. e a seu convite, afim de que eu fosse assistir o facto das pedradas e do que eu duvidava, por não as ter ainda visto, fui ter com V. S. e em sua companhia me demorei até duas horas da manhã do dia seguinte.

Ao chegar não vi pedradas, porém com pouca demora da minha estada, começaram a cahir no solo, sobre uma mesa (junto da qual estávamos eu, V. S., seu criado e o Sr. Araújo, morador daqui, que tambem ali levado pela sua duvida foi ter) e sobre os móveis da sua casa, a principio pequenos torrões de barro preto e amarello.

A proporção que as pedras se succediam, arremessadas com força, do outão da casa, da alcova e varanda, cresciam em tamanho e eram como que dirigidas para não tocarem em pessoa alguma, pela direcção que traziam em sentidos diferentes, como uma que partindo visivelmente tomou opposta direcção, indo pregar-se na parede onde estava encostado seu banco, sobre o qual calharam os pedacos, que com o choque se dividiram em particulas.

Tal foi a violencia com que foi atirada esta pedra, que pregou barro enxuto, de que era o torrão, na parede tambem exata.

Continuando a assistir este jogo de pedras, admirado pelo caso original de que era testemunha, partio de detrás de uma cortina, da porta da varanda, um pequeno torrão, que veio tocar-me na região dorsal, o que, confesso, fez-me desconfiar da realidade do que via.

Após esta, tantas outras pedras cahiram ao chão, sempre dirigidas, sem ponto certo, notando porém que mais calhiam junto do lugar e sobre um bahu, no qual se assentava sua criada.

Sendo já muito tarde, retirei-me para minha casa, consigo essa Exma. familia, todos assombrados do horrivel drama que acabavamos de presenciar.

Estando nós já em caminho e a pouca distancia da porta da rua, ouvimos gritarem, seu creado e o Sr. Araújo, dizendo que ao saírmos, virão distinctamente passar pela varanda, atravez da cortina transparente, uma sombra, como o vulto de um homem.

Immediatamente correram os dois para reconhecerem tal vulto e percorrendo, com luzes, toda a casa, nada encontraram.

Depois da retirada da familia e passagem da sombra, cessaram as pedras, como vim a saber pela manhã.

Foi o que vi e do que fui testemunha.

Quanto á causa das pedradas, desconheço-a e nem entro na apreciação della, por ser para mim mysteriosa.

Sou com estima de V. S., att. cr. obr. — Joaquim Pedro Nolasco de Oliveira.

Um facto importante

Vicente Costa, residente em Manãos, soffria de grave molestia e estava entregue a sério tratamento; um dia, já muito desanimado, ouviu ao adormecer, uma voz que lhe dizia, chamando-lhe pelo nome, que tomasse chá de casa de juthy e herba.

Costa com uma gemma de ovo, pela manhã e a noite; que do contrario morreria.

No dia immediato, contando elle o caso a sua mãe, esta aconselhou-o que seguisse o conselho; elle o fez e está restabelecido.

O SPIRITISMO

E' este o titulo de um importante trabalho, que, como havia solennemente promettido, o *Apostolo* começou publicar, e ao qual nos cumpre responder.

Começamos pedindo desculpa ao collega por termos duvidado da sua promessa; *errare humanum est*.

Contamos com a desculpa.

« Diz o articulista que a relação dos espiritos dos que falleceram com os que se acham ainda presos á carne, é um facto incontestavel, mas que isto é falso aos olhos da igreja catholica, porque contradiz, em parte, ás verdades que ella ensina. »

Parece-nos que o começo não foi bem; se esta relação é incontestavel, como negando-a pôde a igreja catholica dizer a verdade?

Ou o facto não se dá ou a igreja erra.

Devemos escolher.

Se lançarmos os olhos sobre as paginas da historia sagrada e da profana, depauperamos com milhares de factos que nos vem demonstrar a realidade dessa comunicação; e sem ir tão longe, basta-nos ler o artigo do credo dos Apostolos que diz: *creio na communicação dos santos*, para reconhecermos que é a igreja quem erra.

De facto, seguindo ella, quem são esses santos?

Os Agostinhos, os Jeronymos, os Antonios de Padua, os Vicentes de Paula, etc.; ora, se ella cre que esses espiritos podem entrar em relação com os homens, porque diz que não são as almas dos que viveram na terra, que hoje nos vem ajudar com seus avisos e conselhos?

D'ahi vemos que a igreja catholica se engana, quando diz que só o demonio, esse ente phantastico, essa criação blasphema dos ascetas do passado, pode entrar em relação com-nosco.

Concordamos com o articulista quando affirma que no campo philosophico é difficil, senão impossivel, provar-se a existencia do demonio; sim, o creador, sujeitando a creatura obscurecida pelo véo da materia á acção do poderoso agente do mal, sem permitir que os bons espiritos venham combater essas más influencias, auxiliar-nos nessa luta tão desigual, perde os seus attributos de bondade, justiça e sabedoria infinitas.

Deus creando entes eternamente votados ao mal, deixando de ser bom, para levar a sua vingança além dos limites do que a nossa razão pôde admitir.

Supponhamos que um dia, vencido pelos remorsos, este ser condemnado ás trevas, esse anjo do mal, se dobrasse arrependido e pedisse perdão; admitis que a fonte de todo o amor e misericordia, lh'o negaria?

Acreditaes que, inferior aos homens, Deus poderia dar uma pedra a esse seu filho que lhe pedia pão?

Dizeis que o anjo do mal nunca se arrependera da sua desobediencia; porque?

Será elle assim tão forte contra todos os soffrimentos que lhe laceram a alma?

Ou é o proprio Deus que o não consente?

No primeiro caso, foi elle creado assim tão forte para viver eternamente rebelde?

Ha aqui duas alternativas, das quaes uma é totalmente contraria á natureza do ser creado.

Tarde ou cedo o soffrimento subjugou o espirito criminoso e faz nelle nascer o arrependimento; e uma vez fechada essa sahida, só vos restará uma que vos conduz infallivelmente á negação da justiça divina.

Cre o articulista que esse intitulado anjo das trevas tem o poder de tentar-nos, como o fez com o primeiro homem que vivia em estado de graça.